

SENTIDOS

José Saramago

Ana Paula Arnaut



A black and white close-up portrait of José Saramago. He is an older man with glasses, looking slightly to the right. His right hand is raised to his forehead, with fingers spread. The image has a wavy, torn-edge effect on the right side, which transitions into a solid teal background.

ASA

JOSÉ SARAMAGO
(1922-2010)

JOSÉ SARAMAGO

"Era uma vez um homem que nasceu numa azinhaga e se fez serralheiro, jornalista, escritor e cavaleiro. Era uma vez a gente que o amou e odiou. Era uma vez um homem que tinha um sonho e não sabia. Era uma vez uma mulher que o fez sorrir. Era uma vez um homem que escreveu um livro e o ouviu cantado em ópera. Era uma vez Blimundo. Era uma vez. Saramago" (Luísa Jacobetty, in *O Independente* 17 de Maio de 91)

Era uma vez um homem que José Sousa poderia ser, diz-se, se, por sua auto recreação o oficial do registo civil não tivesse, ao invés, optado por grafar a alcunha de família, apelidada dos Saramagos. Era uma vez José Saramago em 16.11.1922 (Azinhaga, Golegã). Era uma vez um Prémio Nobel em 8.10.1998.

Terra do Pecado

"Uma estrela cadente riscou o céu. Maria Leonor sorri lembrando-se da estela de Belém e, brincando consigo própria, começou a procurar no campo, quase totalmente imerso em sombra, os três reis magos.

Olhou por cima das casas quase invisíveis, no lugar onde brilhavam luzes mortíferas de candeias, até uma colina onde recebia ainda no topo os últimos raios de sol. Ali, os muros brancos do cemitério, caiados de fresco, cintilavam sob a claridade dourada do Sol, que desaparecia rapidamente.

Terra do Pecado

Caiu de joelhos e, com a cabeça apoiada no parapeito da janela, chorou longamente, como nunca tinha chorado depois da sua doença. A colina desapareceu de súbito, fundida na escuridão. Maria Leonor enxugou os olhos, levantou-se, e ao dirigir-se para a porta, recuou assustada diante duma sombra escura entre os batentes. Ia gritar, mas a sombra recuou assustada. Era Benedita. Respirou aliviada:

– Credo, mulher, que susto me este!

Vendo que a criada não respondia, perguntou:

– Que há?" (p. 82).

Levantado do Chão

- "Agora levantou-se Sigismundo Canastro, alto delgado como uma esteva seca, faz a saúde aos noivos, e tendo todos emborcado com regalo o vinhito abafado, diz que vai contar uma história que não é parecida com a de António Mau-Tempo, mas talvez seja igual, porque isto de histórias e casos, procurando bem, acabamos sempre por lhes encontrar igualdade, ainda que pareça impossível, Há muitos anos, e neste ponto primeiro faz uma à caça, deu-se um caso, ora que tal disseste, histórias de perdizes, tanto mentes quanto dizes, mas Sigismundo Canastro não está a brincar, nem responde à interrupção, olha só pausa para se certificar de que todo o pessoal está atento, e estão, olham a direito, alguns um pouco amortecidos mas resistindo, e então pode continuar, Há muitos anos, andava eu em redor com um jeito de quem se condói de tanta inconsciência, e quer fosse por este olhar ou pela curiosidade de saber que tamanho tem esta mentira, faz-se silêncio, e João Mau-Tempo, que muito bem conhece Sigismundo Canastro, sabe de ciência segura que aquele ponto tem seu nó, a questão será entendê-lo,

Levantado do Chão

Nessa altura, ainda eu não tinha espingarda, pedia-a emprestada, ora a um ora a outro, conforme calhava, e não era nada desajeitado a caçar, não senhor, digam aí os do meu tempo, e então havia um cãozito que andei a ensinar uma temporada, saiu-me um coral, fino de nariz, até que um dia fui com uns camaradas, levando cada um seu cão, fazíamos um bonito grupo, demos uma grande volta, e já todos vínhamos bem aviados, este caso passou-se ali para as bandas da Guarita do Godeal, levanta-se de repente uma perdiz maltesa e ela aí vai como um raio, meto a arma à cara, ela descai o voo quando eu ia mesmo a disparar, o certo é que não lhe toquei nem com um bago de chumbo, até por sinal não estava ali companheiro nenhum, foi melhor para a minha vergonha, mas o Constante, era esse o nome do animal, corre na direcção da perdiz, pensou se calhar que ela tinha sido ferida, por meio dos tojos, que ali o mato era cerrado como poucas vezes se tem visto, e havia umas pedras grandes que tapavam a vista, foi o caso que se me sumiu o cão, e por mais que eu chamasse Constante, Constante, e assobiasse, não apareceu, que ainda foi vergonha maior voltar para casa sem o animal, para não falar do desgosto, que o bicho só lhe faltava conversar.

Levantado do Chão

O público estava muito atento, ouvindo e digerindo, não é preciso muito para tornar um homem feliz e contente uma mulher, e mesmo que a história fosse uma imensa galga, era uma boa história, e bem explicada, como já Sigismundo Canastro outra vez ia contando, Passados dois anos calhou ir para aqueles lados e deu com um grande bocado de mato limpo, tinham andado ali a desmoitar, mas depois, não sei porquê, desistiram, e então veio-me à lembrança o sucedido, meti-me pelo meio das pedras, foi o cabo dos trabalhos, não sei que ideia é que me levava, parecia que alguém me estava a aconselhar, não desistas, Sigismundo Canastro, e de repente que é que eu vejo, o esqueleto do meu cão ali de pé a marrar o esqueleto da perdiz, e estavam naquilo há dois anos, cada qual em sua firmeza, parece que o estou a ver, o meu cão Constante, com o focinho esticado, a pata levantada, não houve vento que o deitasse abaixo nem chuva que lhe soltasse os ossos" (pp. 228-229).

Publicações

- 1947 – *Terra do pecado* (romance)
- 1966 – *Os poemas possíveis* (poesia)
- 1970 – *Provavelmente alegria* (poesia)
- 1971 – *Deste mundo e do outro* (crónica)
- 1973 – *A bagagem do viajante* (crónica)
- 1974 – *As opiniões que o DL teve* (crónica)
- 1975 – *O ano de 1993* (poesia)
- 1976 – *Os apontamentos* (crónica)
- 1977 – *Manual de pintura e caligrafia* (romance)

Publicações

- 1978 – *Objecto quase* (contos)
- 1979 – *Poética dos cinco sentidos* (obra coletiva) *O ouvido* (conto).
- 1979 – *A noite* (teatro)
- 1980 – *Levantado do chão* (romance)
- 1980 – *Que farei com este livro?* (teatro)
- 1981 – *Viagem a Portugal* (viagem)
- 1982 – *Memorial do convento* (romance)
- 1984 – *O ano da morte de Ricardo Reis* (romance)
- 1986 – *A jangada de pedra* (romance)
- 1987 – *A segunda vida de Francisco de Assis* (teatro)
- 1989 – *História do cerco de Lisboa* (romance)
- 1991 – *O evangelho segundo Jesus Cristo* (romance)
- 1993 – *In nomine Dei* (teatro)
- 1994 – *Cadernos de Lanzarote I* (diário)

Publicações

- 1995 – *Ensaio sobre a cegueira* (romance)
- 1995 – *Cadernos de Lanzarote II* (diário)
- 1996 – *Cadernos de Lanzarote III* (diário)
- 1996 – *Moby Dick em Lisboa* (crónica)
- 1997 – *Todos os nomes* (romance)
- 1997 – *Cadernos de Lanzarote IV* (diário)
- 1998 – *Cadernos de Lanzarote V* (diário)
- 1998 – *O conto da ilha desconhecida* (conto)
- 1999 – *Discursos de Estocolmo*
- 1999 – *Folhas políticas* (1976-1998) (crónica)
- 1999 – *Direito e os sinos* (ensaio)
- 2000 – *A caverna* (romance)
- 2000 – *Aqui soy Zapatista* (ensaio)

Publicações

- 2001 – *A maior flor do mundo* (conto)
- 2002 – *O homem duplicado* (romance)
- 2004 – *Ensaio sobre a lucidez* (romance)
- 2004 – *Palabras para un mundo mejor* (ensaio)
- 2005 – *Questo mondo non va bene che ne venga un altro* (ensaio)
- 2005 – *Don Giovanni ou O dissoluto absolvido* (teatro)
- 2005 – *As intermitências da morte* (romance)
- 2006 – *El nombre y la cosa* (ensaio)
- 2006 – *Andrea Mantegna – Uma ética, uma estética* (ensaio)
- 2006 – *As pequenas memórias* (autobiografia)

Publicações

2008 – *A viagem do elefante* (romance)

2009 – *O caderno* (diário)

2009 – *Caim* (romance)

2009 – *O caderno 2* (diário)

2010 – *Democracia e Universidade* (ensaio)

2011 – *Claraboia* (1953, romance)

2011 – O silêncio da água (conto)

2013 – *A estátua e a pedra* (ensaio, 1999)

2014 – *Alabardas, alabardas. Espingardas, espingardas* (romance inacabado, escrito em 2010)